




O ambiente remoto como espaço alternativo para o processo criativo da luz

Luana Oliveira de Lima
Julia de Castro Saraçol
Débora Matiuzzi Pacheco

Para citar este artigo:

LIMA, Luana Oliveira de; SARAÇOL, Julia de Castro; PACHECO, Débora Matiuzzi. O ambiente remoto como espaço alternativo para o processo criativo da luz. *A Luz em Cena*, Florianópolis, v.2, n.2, dez. 2021.

 DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/27644669020220210203>

Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software* | iThenticate



O ambiente remoto como espaço alternativo para o processo criativo da luz

Luana Oliveira de Lima¹
Julia de Castro Saraçol²
Débora Matiuuzzi Pacheco³

Resumo

Este texto tem por finalidade propor reflexões a partir de relatos experimentais do processo de criação artística da luz, durante o distanciamento social dimanado pela pandemia de Covid-19. Suas perspectivas técnicas e poéticas, sobretudo que permeia estratégias para suplantar as dificuldades do ensino remoto durante as aulas de Graduação em Artes Cênicas, que tencionaram a experimentação síncrona e digital com a matéria luz, na concepção e estabelecimento de uma linguagem.


Palavras-chave: Luz. Iluminação cênica. Poéticas visuais.

The remote environment as an alternative space to the creative process of lighting


Abstract

This text aims to propose reflections from experimental accounts in the creative processes of artistic light creation, during social distance that have sprung during the Covid-19 pandemic. Its technical and poetical perspectives, mainly about strategies to overcome the difficulties of remote learning during the classes in Bachelors of Scenic Arts degree, intended to enlighten synchronous and digital experiment with light in its conception and establishing a language.


¹ Luana Oliveira de Lima, graduanda em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Atualmente desenvolve pesquisas como atriz, com ênfase no corpo e na imagem. Realiza estágio como iluminadora e técnica de luz no Theatro Treze de Maio - Santa Maria (RS). ✉ aluanaolima@gmail.com

🌐 <http://lattes.cnpq.br/0074219847549800> |  <https://orcid.org/0000-0003-3588-171X>

² Julia de Castro Saraçol (Julia Rollet), graduanda em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e em Produção Cultural pela Belas Artes de São Paulo. Participou de vários trabalhos artísticos mesclando o universo do cinema, das artes visuais e, principalmente, das artes da cena. Atualmente participa de trabalhos da Cia Retalhos de Teatro.

✉ juliascastr@gmail.com | 🌐 <http://lattes.cnpq.br/9566944095487565> |  <https://orcid.org/0000-0001-5657-719X>

³ Débora Matiuuzzi Pacheco, doutoranda em Educação e Arte pela UFSM, Mestra em Teatro pela UDESC (2014). Graduada em Dança - Licenciatura Plena UNICRUZ (2004). Graduada em Artes Cênicas Bacharelado - Interpretação Teatral UFSM (2016). Graduada em Teatro – Licenciatura - UFSM (2021). Tem experiência na área de Artes e Educação, com ênfase em Dança e Teatro. Atuou em mais de 40 espetáculos de dança e teatro, além de ter dirigido algumas montagens e ministrado aulas de dança e de teatro, no ensino público e privado. Foi Professora Substituta do Departamento de Artes Cênicas da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Atualmente é atriz da Cia Retalhos de Teatro e Professora de Teatro na rede municipal de ensino de Balneário Camboriú-SC. ✉ deboramatiuzzi@gmail.com

🌐 <http://lattes.cnpq.br/5601599618225403> |  <https://orcid.org/0000-0001-8802-993X>



Keywords: Light. Stage lightening. Visual poetry.

El entorno remoto como espacio alternativo para el proceso creativo de la luz

Resumen

Este texto tiene como objetivo proponer reflexiones a partir de relatos experimentales del proceso de creación artística de la luz, durante el distanciamiento social provocado por la pandemia Covid-19, sus perspectivas técnicas y poéticas, sobre todo que impregna estrategias para superar las dificultades de la enseñanza a distancia durante Clases de pregrado en Artes Escénicas, orientadas a la experimentación sincrónica y colectiva con la materia ligera, en el diseño y establecimiento de un lenguaje.

Palabras clave: Luz. Iluminación escénica. Poética visual.



A iluminação, na esfera das artes tem se modificado bastante devido às transformações culturais da humanidade, seja por questões técnicas, em decorrência aos avanços tecnológicos, seja por seu reconhecimento artístico como forma de linguagem. Essas transformações acarretaram, dentre outras, na liberdade de criação e a passagem do técnico ao artista. Não como forma de separação, mas sim no intuito de fundir as perspectivas do ofício dos atadores que trabalham com a matéria luz. A iluminadora e o iluminador passam a ser figuras ativas, trabalhando criativa e sensivelmente, dialogando com os demais elementos que compõem a visualidade do acontecimento artístico.

A luz, quando percebida como agente da construção da visualidade da ação artística, ganha espaço de discussão enquanto linguagem, seja no teatro ou em qualquer outro campo das poéticas visuais. Nesse sentido, a iluminação na cena teatral ultrapassa a esfera de ser unicamente responsável por permitir a visibilidade das ações e passa também a protagonizar o acontecimento, sendo assim incorporada na construção da visualidade do espetáculo (JACINTO, 2021, p.4).

A exemplo disso, podemos perceber a criação do ambiente no interior de uma sala vazia, visto no trabalho *Bridget's Bardo*, do artista norte-americano James Turrell⁴, no qual uma sala vazia é banhada de cor-luz e os espectadores interagem com a iluminação sendo afetados pela mesma, e até mesmo sendo parte da obra a partir da presença de seus corpos transeuntes pelo espaço sendo construído.

Figura 01 - *Bridget's Bardo* - James Turrell (2009)



Fonte: Designboom, 2010

⁴ James Turrell, artista plástico norte-americano, conhecido por suas instalações imersivas que dialogam com contrastes e conceitos de luz e espacialidade.



A relação entre a cena e a iluminação está diretamente ligada ao espaço-tempo. Nessa perspectiva, pensar na história da iluminação cênica é também pensar nas transformações da humanidade, pois as descobertas científicas interferem diretamente nas produções artísticas. “O fazer teatral está sempre articulado às condições econômicas, políticas e sociais de produção” (RABETTI, 2005, p.31 apud NOSELLA, 2018, p.23).

O teatro convivial é efêmero por natureza, produz diferentes sentidos e sensações. É como um ser vivo, que se movimenta a todo instante, a cada apresentação. O teatro tecnovivial, quando gravado, é imutável e permanece o mesmo, o que continua efêmero, é a experiência do espectador em todo o momento em que se acessa o material.

De acordo com Cibele Forjaz (2008), pensar em um teatro que antecede a existência da luz elétrica é um exercício árduo que dispõe de muita sensibilidade ao conseguir um distanciamento do próprio tempo, baseado em noções subjetivas ainda não experienciadas. E o sujeito, como está diretamente atrelado ao que lhe é familiar, cria uma falsa ideia de que a iluminação cênica começa a partir do advento da luz elétrica.

À vista disso, é importante ressaltar que na Grécia antiga, os teatros eram realizados sob a luz do sol. Portanto, a iluminação natural foi um fator decisivo na construção dos teatros gregos. Com arquitetura de semi-arena, a posição era pensada para favorecer o espaço de acordo com a localização e o movimento do sol, a fim de não atingir diretamente a plateia e iluminar os atores. Além disso, esse formato enriquecia a acústica do ambiente, uma vez que era apresentado para grandes públicos e não possuíam caixas de som, tampouco microfones.

No entanto, ainda estava muito distante da utilização da iluminação cênica tal qual entendemos atualmente. Não obstante, conseguimos perceber o começo de um olhar sensível a respeito da iluminação como instrumento simbólico em cena.

É bem significativo que à noite o fogo sirva para iluminar a cena, que necessita ser vista, independentemente de qualquer indicação de ‘tempo’ e ‘espaço’ no âmbito da ficção; mas ao contrário, um ator que porta uma tocha em plena luz do dia, representa uma personagem que necessita do fogo para ver, portanto encontra-se, na ficção, em meio à escuridão – à noite ou em local escuro, como uma caverna ou uma floresta fechada. (SIMÕES, 2008, p.23).



Dessa maneira, há indícios de uma noção, mesmo que inconsciente, dos estímulos luminosos em cena como forma de linguagem. Algo que, mais tarde, Adolphe Appia traduz como “luz ativa”, contrapondo-se ao seu outro conceito de “luz passiva”. Definições essas que Cristina Grazioli entende como “luz criativa” e “luz que ilumina”. Visto a seguir:

Appia concebe determinados aparelhos com características próprias para realização de cada luz. A luz passiva deve realizar sua função de iluminar da forma mais neutra possível, o que significa interferir o mínimo no espaço no que tange à cor e ao contraste; deve, portanto, ser branca e a mais difusa ou suave possível, realizada com refletores abertos e fixos. A luz ativa deve ser direta, ou dura, provocando contraste e intervindo na cor; deve ser realizada com refletores pontuais e móveis. (GRAZIOLLI, 2015, p.154 Apud NOSELLA 2018, p.28).

Contemporâneos de Adolphe Appia, Edward Gordon Craig e Max Reinhardt estabelecem conceitos complementares a esses. Diante disso, determinam diversas funções à luz na cena teatral, sendo elas: Visibilidade; Perspectiva; Efeitos Especiais; Relação entre o palco e plateia e Atmosfera.

Foi estudando como iluminar a cena sem prejudicar a visão do espectador que obtiveram o conceito de visibilidade. Já a noção de perspectiva surgiu com o conhecimento geométrico, o que possibilitou aprofundar conceitos de volume e profundidade. A ideia de efeitos especiais é trazer para o plano do real o imaginário da cena. A relação entre palco e plateia é, justamente, a tentativa de separação delas também através da iluminação. A atmosfera da cena é uma estratégia de transformar as ambientações conforme a variação e intensidade da luz.

Os escritos desses encenadores traduziram noções fundamentais do estudo da iluminação para a cena que, reverberam o pensar a linguagem da iluminação na cena artística contemporânea. Na contramão dessa crescente, em contraponto com o advento da pandemia de Covid-19, as especificidades das artes presenciais têm sido questionadas e repensadas. Apesar da reestruturação do meio artístico ser uma constante e comumente realidade, quando essas mudanças são impostas de maneira abrupta, como no cenário pandêmico que ainda estamos atravessando, por exemplo, incertezas passam a questionar certezas pré-estabelecidas na desterritorialização de uma realidade, na problematização entre tecnovivial e convivial. Uma vez que os efeitos de ambas as experiências se apresentam, supostamente, de forma antagônica.



Llamamos convivio a la experiencia que se produce en reunión de dos o más personas de cuerpo presente, en presencia física, en la misma territorialidad, en proximidad, a escala humana; tecnovivio es la experiencia humana a distancia, sin presencia física en la misma territorialidad, que permite la sustracción de la presencia del cuerpo viviente, y la sustituye por la presencia telemática o la presencia virtual a través de la intermediación tecnológica, sin proximidad de los cuerpos, en una escala ampliada a través de instrumentos. Para la distinción in extenso entre convivio y tecnovivio, véase nuestro Teatro y territorialidad.⁴ (DUBATTI, 2020, p.14).

Desse modo, todas essas questões compõem um novo cenário ainda pouco explorado e compreendido. Não há como negar que a iluminação para o palco é diferente da iluminação para o audiovisual. No entanto, buscar o suporte de outras linguagens, muitas delas pouco utilizadas em nossas produções artísticas até o momento, foi a forma pela qual encontramos de nos reinventar e manter nossa arte ativa, em meio aos estudos e criações em iluminação, durante o contexto de ensino-aprendizagem, forçadamente digital, devido à pandemia de Covid-19.

Diante das restrições de aulas presenciais por conta da pandemia, as aulas do curso de Artes Cênicas, da Universidade Federal de Santa Maria, passaram a ser mediada via interações virtuais por meio de Tecnologias de Ensino Remoto (TER), estruturadas em momentos síncronos e assíncronos, através das ferramentas Google Meet, Moodle, WhatsApp, dentre outras. Entretanto, a escrita deste texto⁵ se limita a discutir especificamente o processo desenvolvido nas disciplinas de Iluminação Cênica e A performatividade da Luz, realizadas durante o segundo semestre letivo de 2020, ministradas pelo professor Rafael Cardoso Jacinto⁶.

A disciplina A performatividade da Luz foi justamente criada durante o Regime de Exercícios Domiciliar Especial – REDE⁷, objetivando propor um espaço teórico-prático de discussão, experimentação e criação coletiva, a fim de estimular os discentes a se envolverem com os meios digitais propostos e aproximá-los às atividades acadêmicas em período de ensino remoto.

Conforme o objetivo da disciplina, que consiste em entender e explorar sensivelmente o

⁵ O presente artigo foi escrito em parceria com a doutoranda Débora Matiuzzi Pacheco e aborda o processo criativo das graduandas Luana Oliveira de Lima e Julia de Castro Saraçol, nas disciplinas "A Iluminação Cênica" e "A performatividade da Luz", ambas ministradas pelo professor Rafael Cardoso Jacinto.

⁶ Iluminador cênico, ator e educador. Doutorando em Educação e Artes, Mestre em Poéticas Visuais e Graduado em Licenciatura em Teatro pela UFSM. Professor substituto no departamento de Artes Cênicas – UFSM (2020-2021).

⁷ A Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) adotou o termo "Regime de Exercícios Domiciliares Especiais" (REDE) durante a suspensão das atividades presenciais, devido à pandemia de Covid-19.



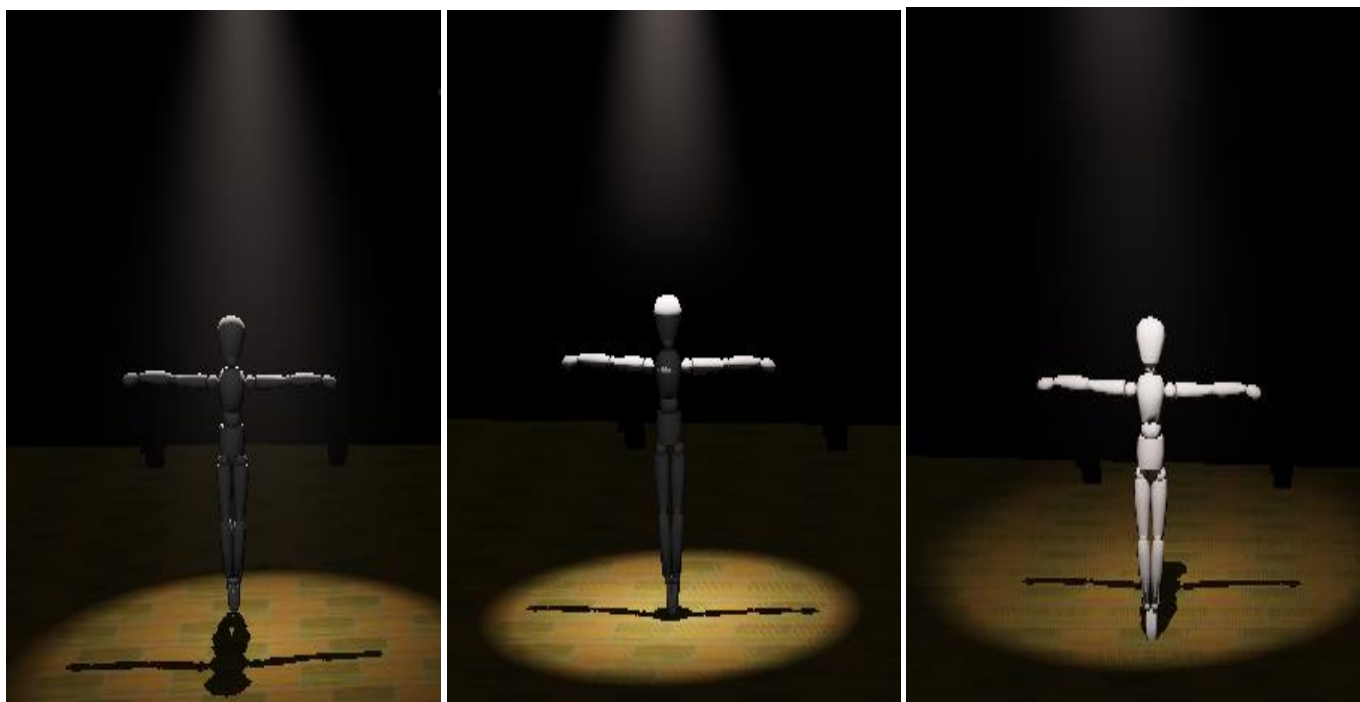
espaço, de maneira experimental, através da criação de visualidades a partir da luz e sua performatividade expressiva, utilizamo-nos do espaço doméstico e seus meios viáveis para, nesse contexto, buscar explorar e entender a luz supostamente como objeto performativo, a fim de criar, por meio da iluminação (presença/ausência do seu agente), um campo expressivo e autônomo enquanto linguagem. Sendo assim, o espaço doméstico (objetos do cotidiano, ferramentas alternativas emissoras de luz e luz natural) serviram como suporte para a manipulação e criação de ambientes.

Desse modo, o REDE possibilitou centrar o pensamento na iluminação como agente protagonista na criação do acontecimento cênico, não só nas disciplinas que trabalham a visualidade ou aspectos da luz, mas também na maioria das disciplinas que demandam construção de matéria cênica. Algo que não é não tão habitual, já que, infelizmente, mesmo que não intencional, é ainda frequente o pensamento da iluminação da cena como um fragmento emancipatório, por ser inserido posteriormente a construção da ação cênica, e não em conjunto da criação.

A disciplina teórico-prática A Iluminação Cênica, já existente na grade curricular do curso como disciplina complementar de graduação (DCG), precisou ser repensada para ser desenvolvida virtualmente. Para que, ao final do semestre, fosse possível desenvolver ao máximo as habilidades previstas. O que não foi nenhum pouco fácil, principalmente no que diz respeito aos aspectos técnicos. Para tanto, foi utilizado recurso expositivo do software wysiwyg, que permitiu aos alunos conhecer algumas características e aplicabilidades técnicas das ferramentas de iluminação teatral, proporcionando suposto contato prático, mesmo que virtualmente, com a matéria luz na concepção e estabelecimento de reflexões e criações.



Figura 02 – Vista 3D do Wysyug – Contraluz, luz a pino e luz frontal



FONTE: arquivo pessoal

Nesse sentido, para adentrar ao universo da iluminação, aproximamo-nos do primordial, nosso próprio espaço doméstico e cotidiano. O olhar passou a focar e estudar luminárias LED, lanternas, chamas da vela, fósforos, chama do fogão e, também, a luz natural que acomete as casas no dia a dia.

Foram realizados três experimentos individuais e assíncronos, que correspondia as abordagens e discussões teóricas dos encontros síncronos da disciplina a Performatividade da Luz. Cada experimento precisava desenvolver um diálogo, cronologicamente com os tópicos:

- Experimento 01 - Aspectos físicos da luz – difração, refração e reflexão
- Experimento 02 - A cor e a luz – temperatura de cor, cor luz e cor pigmento
- Experimento 03 - A luz natural e a luz produzida pela combustão de materiais

Perpassamos por algumas óticas nos exercícios da disciplina, em uma crescente didática de afinação da percepção dessa área. Inicialmente, apenas observar, posteriormente surgiram propostas com o fogo, a temperatura de cor, a cor e a composição. O primeiro contato, mais tímido e contemplador, não deu espaço para criação. Ao longo das semanas, passamos a explorar



essa iluminação. Após quase um ano longe das práticas corporais e experimentações, por estarmos com as aulas presenciais suspensas em decorrência da pandemia, novamente o processo sensível de se deixar inundar pelas sensações e imagens que o espaço trazia.

O quadro de imagens a seguir⁸ relata um momento desse laboratório em que me percebi envolvida pelas diferentes tonalidades. Estava em um quarto pequeno de paredes claras, as cores banhavam o ambiente inteiro, provocando uma sensação por vezes inquietante, por vezes tranquilas. Foi então que resolvi despir-me e segurei a luminária na minha frente, produzindo um contraluz em relação ao celular que estava capturando as imagens, posicionado nas minhas costas. Passei a me movimentar conforme as trocas de cores, conectando-me com o momento. Foram diversos movimentos de expansão, contração e torção das escápulas, ombros, pescoço, cabeça e braços.

⁸ Link do vídeo do Experimento individual 01 – Luana Oliveira <https://youtu.be/UaKIN42wGLc>



Figura 03 – Experimento individual 01 – Luana Oliveira



FONTE: arquivo pessoal



Assim como na obra de James Turrell, a cor invade e transcende o espaço. A luz age sobre o corpo e o corpo age sobre a luz. Os dois coexistem criativamente. Eu não só controlava, de certo modo a iluminação, como também fazia parte dela.

Nos exercícios propostos em sala de aula, tivemos a possibilidade de perceber e interagir de outras maneiras com o próprio ambiente casa. De forma que, em tempos de pandemia, foi quase extra cotidiano no sentido de haver uma ruptura desse espaço familiar onde consequentemente possibilitou um olhar atento e sensível para criação a partir dos meios viáveis. Dessa forma, os experimentos partiram de um lugar de consciência da iluminação de minha própria casa, ou seja, eu já não percebia a luz da luminária de mesa de cabeceira da mesma forma que antes, tão pouco a iluminação do banheiro, de aspecto fria, que se diferencia da sala onde a temperatura de cor é menor, bastante quente, e a dos postes do outro lado da rua, que me confortam a noite com seus tons alaranjados.

Houve, portanto, muitos momentos de investigação, e, em um trabalho em específico para a disciplina de Performatividade da Luz, lembro de me sentir inspirada em ocasiões bastante triviais, como ao abrir a geladeira e perceber uma tonalidade âmbar integrar todos os elementos que lá estavam. Foi quando imediatamente me percebi retirando tudo o que estava dentro, já pensando em materiais que fizessem sentido compor com este local inusitado. Experimentei de diversas formas, com os mais diversos objetos, até que encontrei um pequeno homem de madeira, quando o coloquei dentro da geladeira, senti uma harmonia de cor e luz preponderar. Senti que eles entraram em sintonia quase como uma dança. A partir disso, peguei a câmera⁹ e segui um caminho intuitivo de filmagem, numa condução pragmática, fluida e espontânea.

A luz alaranjada da geladeira, vinda do canto direito, cria no objeto uma sombra sutil e disforme. É interessante perceber também um contraste entre o ambiente de baixa temperatura, com a baixa temperatura de cor da fonte de luz. A movimentação fragmentada do objeto, criada posteriormente por mim na edição do vídeo no abrir e fechar da geladeira, repercutiu no trabalho um sentido de narrativa.

⁹ Link do vídeo Experimento individual 01 – Julia Rollet https://youtu.be/SVInUeLMT_I



Figura 04 –Experimento individual 01 – Julia Rollet



Fonte: arquivo pessoal



Os trabalhos começam a passar por um processo segmentado de criação até chegar em sua edição mais afinada com os cortes das cenas e edição de vídeo.

Dentre os distintos experimentos, ressalto, principalmente, o trabalho com a luz das velas, mesmo que alguns apontamentos sejam comuns a todos os trabalhos. Uma vez que o modo utilizado para captar as imagens foi sempre o mesmo: a câmera do celular. O brilho e o foco podem ser alterados manualmente ao filmar, diferentemente do olho humano. Sendo assim, torna-se impossível fazer uma comparação fidedigna das imagens mediadas e reais, uma vez que não será possível trazer a imagem sem uma mediação. Desse modo, apenas serão expostas e registradas percepções pessoais a partir do proposto.

Neste trabalho¹⁰, foram utilizados: uma vela, duas lanternas de celulares, um abajur e um espelho. Como citado anteriormente, os ajustes feitos manualmente na filmagem pelo celular auxiliam no resultado e modificam muito a realidade vista a olho nu. Na realidade, não temos como separar o todo em pequenos recortes, por mais que a iluminação faça esse papel no palco, por exemplo, evidenciando algo, o restante ainda continua ali e é perceptível. Na câmera, facilmente podemos “retirar” o restante diminuindo o brilho e focando apenas na chama da vela, o que fará com que apareça no vídeo detalhes imperceptíveis.

Figura 05 – Experimento individual 02 – Luana Oliveira



Fonte: arquivo pessoal

¹⁰ Link do vídeo Experimento individual 02 – Luana Oliveira - <https://youtu.be/cGMF1CuTrV4>



Outro fator relevante é a mescla constante entre o processo e o resultado, enquanto estamos propondo a construção do ambiente-luz, estamos gravando e construindo escolhas para o resultado. A posição da câmera altera não só a iluminação, mas também a cena. Com a imagem mediada, faz-se ver o que queremos que seja visto com maior facilidade.

Quando iniciamos o processo de construção artística do trabalho, a princípio, faríamos a união dos experimentos individuais construídos. Contudo, em diálogo, surgiu a possibilidade de “conversarmos” entre as telas, a partir de um objeto em comum, perpassando por essas telas e pessoas. Desse modo, decidimos que seria uma vela. A partir disso, roteirizamos a edição do vídeo, antes mesmo da gravação, para que, ao final, obtivéssemos o resultado das quatro amigas se passando a vela. Vela essa que, quando percebemos, acabou unindo não só no trabalho, como fora dele. Depois de um ano distante por conta da pandemia, foram dias de conversas intensas, a iluminação tornou-se emocional e afetiva.

Em razão disso, o vídeo foi criado a partir de um enorme desejo de reencontro, movido pela saudade entre quatro amigas distanciadas pela pandemia. Portanto, utilizamos quatro espacialidades paralelas, cada uma de nós em sua respectiva casa. O elemento fio condutor da narrativa foi a vela, em que íamos passando uma para a outra, com movimentação sincronizada, trazendo a ideia de proximidade física. A iluminação foi pensada de forma a criar uma harmonia de cor, luz e sombra.



Figura 06 – Experimento coletivo final - Luana Oliveira, Julia Rollet, Polyana Cardoso e Fernanda Florence



Fonte: arquivo pessoal



Pensando assim, é possível afirmar que, ao longo do semestre, esses recursos foram sendo dominados e analisados de forma mais cuidadosa e significativa. De modo que o trabalho final em grupo intitulado (RE) ENCONTROS¹¹, foi pensado justamente em trabalhar com as plataformas de edição e usar os recursos que elas proporcionam a nosso favor.

Referências

NOSELLA, Berilo Luigi Deiró. **Apontamentos sobre a história da iluminação moderna: a parceria entre tecnologia e cena.** Goiás: Arte da Cena, v.4, n.2, 2018. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/artce>>

NOSELLA, Berilo Luigi Deiró. **Por uma história do pensamento sobre o fazer da iluminação cênica moderna: a cena além do humano.** Minas Gerais: Urdimento, v.1, n.31, p.20-37, 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101312018020>>

DUBATTI, Jorge. **Experiencia teatral, experiencia tecnovivial: ni identidad, ni campeonato, ni superación evolucionista, ni destrucción, ni vínculos simétricos.** São Paulo: Rebento, n. 12, p.8-32, 2020. Disponível em: <<http://www.periodicos.ia.unesp.br/index.php/rebento/article/view/503>>

SIMÕES, Cibele Forjaz. **À Luz da Linguagem. A iluminação cênica: de instrumento da visibilidade à “Scriptura do visível” (Primeiro recorte: do Fogo à Revolução Teatral).** Dissertação – Escola de Comunicações e Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes, Área de Concentração Artes Cênicas, Linha de Pesquisa Teoria e História do Teatro – Literatura Dramática, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

JACINTO, Rafael Cardoso. **Luz e performatividade no acontecimento artístico.** A Luz em Cena, Florianópolis, v.1, n.1, jul.2021.

Recebido em: 15/10/2021
Aprovado em: 30/12/2021

¹¹ Link do vídeo - Experimento coletivo final - Luana Oliveira, Julia Rollet, Polyana Cardoso e Fernanda Florence. https://youtu.be/CmlX2vGn_5o



O ambiente remoto como espaço alternativo para o processo criativo da luz
Luana Oliveira de Lima; Julia de Castro Saraçol; Débora Matiuzzi Pacheco

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC
Programa de Pós-graduação em Teatro – PPGT
Centro de Arte – CEART
A Luz em Cena – Revista de Pedagogias e Poéticas Cenográficas
aluzemcena.ceart@udesc.br